

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

Denilson Feitosa Sancho

SUBJETIDADE E EPOPEIA MODERNA

Redenção– CE

2015

Denilson Feitosa Sancho

Subjetividade e Epopeia Moderna

Monografia apresentada ao Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho.

**Redenção- CE
2015**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

S189s Sancho, Denilson Feitosa.

Subjetividade e epopeia moderna. / Denilson Feitosa Sancho. Redenção, 2015.

35 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Prof. Dr. Antônio Vieira da Silva Filho.
Inclui Referências.

1. Literatura épica. 2. Ficção. 3. Homero. I. Título

CDD 801

Denilson Feitosa Sancho

Subjetividade e Epopeia Moderna

Monografia apresentada ao Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 31 de Maio de 2015

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Prof.^a Dr.^a Francisca Rosalia Silva Menezes (1^a examinadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Prof. Dr. Francisco Vitor Macedo Pereira (2^o examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A minha família, especialmente a minha mãe Francisca de Oliveira Feitosa e meu pai Vilanilson Gonçalves Sancho da Silva, que são e foram de fundamental importância para me dar todas as condições de vida até chegar aqui. A todos que direto ou indiretamente contribuíram com este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador, professor e amigo Antonio Vieira da Silva Filho que, com paciência e sapiência, teve uma colaboração direta na essência deste trabalho. Aos professores de todas as disciplinas pelas quais passei até chegar aqui. Aos professores doutores da banca examinadora, Francisca Rosália e Francisco Vitor, por disponibilizarem o seu precioso tempo na leitura do trabalho. Agradeço a Deus, que é amor e rege todas as coisas. Aos colegas e amigos que formaram uma parceria brilhante comigo e que me deram força e animo para seguir em frente nessa caminhada acadêmica. A minha família, em especial minha mãe e meu pai, Francisca de Oliveira Feitosa e Vilanilson Gonçalves Sancho da Silva, que me proporcionam o total apoio e inspiração. À FUNCAP, pelo financiamento da bolsa de pesquisa de iniciação científica, possibilitando, assim, o TCC como resultado.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo fazer uma leitura filosófica da épica homérica e da epopeia burguesa, duas formas histórico-sociais distintas que engendram duas formas da grande épica, igualmente, distintas, tanto no que se refere à forma como ao conteúdo artístico. *A Teoria do romance* de Lukács nos serve de ponto de partida para as questões em torno das duas grandes épicas e dos seus respectivos solos históricos. Para o desenvolvimento das determinações do romance e da epopeia em sua relação necessária com o conteúdo histórico que lhes fornece sustentação será utilizado, ainda, Hegel e Benjamin. Os *Cursos de Estética* de Hegel (2004) e o *Narrador* de Walter Benjamin (1994) corroboram com a tese lukacsiana, aqui desenvolvida, da determinação da forma e do conteúdo subjetivo do romance, por um lado, e da carência de individualidade e de subjetividade do conteúdo e da forma da epopeia, por outro. Nessa perspectiva, será contextualizada a época arcaica grega e a epopeia burguesa como formas sociais que fundamentam a determinação da individualidade no romance, assim como a sua carência na forma da grande épica grega. Será desenvolvido, desse modo, alguns aspectos do romance *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes (1980), forma romanesca de transição entre a forma social medieval e a forma social burguesa, para já indicar, neste momento, a ascensão da subjetividade e individualidade próprias do romance. Esta pesquisa se propõe a pensar os fatores da modernidade que permitiram o desenvolvimento pleno e a consolidação do romance, desenvolvendo o fator determinante que caracteriza a época moderna, a saber: a consolidação da subjetividade com o surgimento da esfera da sociedade civil burguesa.

Palavras-chave: Grande Épica, Romance, Subjetividade, Teoria do Romance, Épica Homérica.

ABSTRACT

This monograph aimed to make a philosophical reading of the Homeric epic and bourgeois epic, two different historical and social forms which engender two ways of the great epic being both different objects as form as well as artistic content. Lukács' *Novel Theory* was able to be a starting point to questions about the two great epics and their respective historical backgrounds. Likewise Hegel and Benjamin were determinant for both novel and epic genres in their relation with the historical content which gives them support. Hegel's *Aesthetics Courses* and Walter Benjamin's *The Narrator* agree with the lukacsian thesis here made, namely, the determinant form and the subjective content of the romance and as well the lack of individuality and subjectivity in the epics content and form. Thus Greek archaic era and bourgeois epic were contextualized as social forms which grounded individuality determination in the novel as well as it lacks at the form of the Greek epics. In this case some aspects of Miguel de Cervantes' novel *Dom Quixote de La Mancha* (1980) were studied as a novelistic form of transition between the medieval social and the bourgeois social order so that the subjectivity and individuality raising in the novel itself could be indicated. This research aimed to think about the factors of modernity which allowed the full development and consolidation of romance bringing up the determinant factor which characterizes the modern age, namely, consolidation of subjectivity at the emerging bourgeois civil society.

Keywords: Great Epic, Novel, Subjectivity, Novel Theory, Homeric epic.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. I Capítulo - A forma da grande épica homérica.....	12
3. II Capítulo - A epopeia burguesa.....	17
4. Considerações Finais.....	32
Referências Bibliográficas.....	34

1. Introdução

O ponto de partida deste Trabalho de Conclusão de Curso é a obra de 1916 do autor húngaro Georg Lukács (2000), *A Teoria do romance*. O objeto específico desta monografia é a relação necessária entre época moderna e a “epopeia burguesa”, conexão tratada de forma filosófica pelo autor húngaro, seguindo a esteira da estética hegeliana, o guia metodológico da obra de 16.¹ Trabalharemos também com os *Cursos de Estética* de Hegel (2000; 2001; 2004) para corroborar com algumas assertivas lukacsianas sobre a arte e o mundo moderno, bem como sobre a época arcaica grega e a epopeia burguesa. Utilizaremos, ainda, *o Narrador* de Walter Benjamin (1994), texto importante para nos ajudar a estabelecer essa relação entre romance e época moderna, na medida em que o ensaísta e filósofo alemão assume as categorias lukacsianas para compreender a época do romance e sua configuração poética. Lukács, Hegel e Benjamin servirão, desse modo, como guia para desenvolvermos as questões sobre o romance e sua época. Utilizaremos, ainda, alguns comentadores, tais como Magris (2009), Llosa (2009), Silva Filho (2008) e outros. Shakespeare (2000), Cervantes (1980) e Flaubert (2006) serão chamados aqui para desenvolvermos as questões pertinentes à modernidade e ao romance.

Seguindo a leitura de Lukács, Hegel e Walter Benjamin, a época moderna traz consigo as condições histórico-sociais que possibilitam a realização plena do romance. A forma social moderna surge com a ascensão da burguesia. Há uma redefinição da sociedade no contexto geral: a consolidação da individualidade, da subjetividade, como base para consolidação de direitos fundamentais garantidos pelo Estado. Acontece paulatinamente um conjunto de reformulações sociais que abrange desde a liberdade de expressão até a substituição do trabalho servil e escravo pelo trabalho assalariado, contratual. Com a invenção da imprensa, os jornais estavam sendo inaugurados e os livros poderiam ser amplamente impressos para o novo público leitor que, aos poucos, se formava.

Nessa mesma sociedade, começam a aparecer e a se consolidar duas classes distintas e antagônicas. As condições sociais capitalistas se desenvolvem de maneira mais rápida na Inglaterra. A partir da realidade inglesa são criadas as primeiras teorias sobre o

¹ A oposição de Lukács em relação a Hegel é uma oposição no que concerne à compreensão de Hegel sobre a sociedade moderna e a liberdade que ela engendra. Lukács, todavia, concorda e herda a concepção estético-filosófica de Hegel. (C.f. LUKÁCS, 2000, p. 14).

capitalismo, a nova ciência chamada de economia política. “O seu desenvolvimento”, segundo Hegel, “mostra o aspecto interessante de como o pensamento descobre na multidão infinita de singularidades que estão inicialmente diante dele e extrai dela os princípios simples da coisa, o entendimento que nela opera e que a rege”. (HEGEL, 2000b, § 189). O capitalismo aparece como a mola mestra da consolidação do mundo moderno. A forma social capitalista não se define apenas pela divisão de classe, ela desenvolve as modificações nas relações de produção, circulação e consumo. A mais-valia, a troca universal de mercadorias, a divisão social do trabalho passam a ser o centro e o fundamento da sociedade produtora de valores de troca. Essa esfera do trabalho, da economia, é a esfera que Hegel nomeia de sociedade civil burguesa. O romance é fruto dessa sociedade burguesa em paulatina consolidação e, desse modo, o artista e o herói da grande épica moderna são os indivíduos da esfera da sociedade civil burguesa.

Walter Benjamin (1994) explicita que as condições que possibilitam o florescimento do romance são estabelecidas pela época burguesa, isto é, a forma social moderna traz consigo as condições materiais que tornam possível o desenvolvimento do romance, ao mesmo tempo em que as características e determinações da modernidade se manifestam no romance. A forma social moderna, desse modo, traz consigo uma nova forma poética que corresponde à época burguesa, pois a emergência da subjetividade e a presença determinante da individualidade modificam a forma poética na sua composição, constituição interna e na relação do indivíduo com a obra. Benjamin (1994, pp. 04-5), n’*O Narrador* afirma que

o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros (BENJAMIN, 1994, pp. 04-5).

Este trabalho se constitui, assim, como uma análise histórico-filosófica para entender como as relações sociais da época moderna permitiram “florescer” uma nova

forma poética, a saber, o romance propriamente dito. Esta pesquisa está fundamentada em referências bibliográficas e pretende relacionar a forma sócio-política da modernidade com a forma poética do romance.

Tendo em vista as diferenças que a epopeia e o romance nos apresentam, desenvolvemos essas diferenças e os pontos de contato entre a grande épica homérica e a épica poética moderna; o desenvolvimento desses argumentos está separado em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos como a epopeia se constitui a partir da sociedade arcaica da Grécia Antiga, tendo como pano de fundo a estrutura social formada a partir dos costumes e dos valores comunitários. A *Ilíada* de Homero é a obra que nos serve de guia para desenvolvermos as principais características da epopeia, na medida em que, para Lukács e Hegel, somente Homero é considerado epopeia propriamente dita (Cf. LUKÁCS, 2000, p. 27).

Nessa forma da grande épica o solo histórico da tradição é o objeto primordial do fazer poético. Essa tradição é configurada de uma maneira tão intensa que se materializa como uma segunda natureza no herói. Isso ocorre porque as condições sociais conduzem todos os homens para o caminho já trilhado pelos antepassados; os heróis aparecem imersos à tradição, não se desenvolve ainda, no solo da epopeia homérica, a subjetividade, tal como será concebida na modernidade. Para viver a vida de herói é necessário estar imerso nos costumes e valores. Afirmar Lukács (2000, p. 67) que é um aspecto fundamental da grande épica grega

que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade (LUKÁCS, 2000, p. 67).

A epopeia homérica, portanto, destaca em sua configuração a objetividade das ações heroicas, ações estas alicerçadas nos valores tradicionais da comunidade, como se não houvesse o indivíduo, mas existindo não o faz decidir por seu próprio interesse e vontade, isto é, o indivíduo existe, enquanto este ou aquele, mas não determina as ações heroicas a partir de uma decisão ou escolha individual, pois o homem confirma na sua própria vida heroica os desejos e anseios dos valores coletivos da Grécia Antiga,

representados pelo panteão mitológico homérico. As regras e a manutenção da ordem são passadas de geração em geração; a sua honra, coragem e valentia heroicas são a sua redenção como herói constituído e determinado pelos valores da comunidade.

No segundo capítulo, focamos no romance, no seu desenvolvimento e consolidação no mundo moderno. Os leitores modernos podem se identificar com os heróis do romance e assim refletir sobre a sua vida, levando em conta que a poética romântica é a expressão da formação da subjetividade do homem moderno. *O Narrador*, de Walter Benjamim, expõe primeiro o que é o romance para depois falar do efeito do romance no leitor. O herói do romance constrói o seu próprio caminho – quando comparado ao herói da epopeia –, escolhe agir, põe sob questionamento as estruturas sociais e seus valores que dificultam a realização do fim subjetivo do herói.

No romance, o herói é uma subjetividade e com isso ele traz, potencialmente, em seu seio as ferramentas para mudar o contexto político e social que lhe possibilitou o surgimento. Ora, essa subjetividade transformadora da realidade aparece no romance apenas em potência, pois o herói do romance reproduz a subjetividade isolada diante das estruturas sociais petrificadas da forma social capitalista.

As atitudes do herói do romance se distanciam da épica homérica. O ser romanesco está rodeado por uma nova configuração da realidade que o concebe. A modernidade inaugura uma nova trajetória histórico-social que vai modificando e moldando os indivíduos a partir do seu princípio fundador, a saber: a subjetividade. A existência do herói do romance, desse modo, consolida-se na modernidade, pois, afinal, o novo homem moderno é ele próprio o herói do romance.

Na conclusão, lanço um olhar mais subjetivo sobre o tema. Coloco algumas provocações sobre os aspectos fundamentais dos estudos filosóficos sobre a épica homérica e o romance na modernidade. Este trabalho analisa o confronto entre duas épocas e as suas respectivas formas de exposição poéticas verdadeiras e necessárias. O que diferencia a épica homérica e o romance? O Romance é concebível sem o mundo moderno? Será que o romance irá acabar? Dentro destes questionamentos, exponho o meu ponto de vista e, desse modo, encerro o trabalho.

2. A forma da grande épica homérica

O romance é definido pela trajetória de um indivíduo que entra em confronto com a sociedade e suas estruturas sociais, na medida em que o herói busca realizar o seu próprio objetivo, seu fim individual e nessa busca entra em confronto com as normas e a realidade objetiva do mundo prosaico moderno. Para melhor esclarecer o romance e sua época, olharemos, primeiramente, para a época oposta à sociedade moderna, isto é, a sociedade arcaica grega, sociedade que produz a epopeia propriamente dita, a grande épica homérica. Existem duas formas da grande épica. Uma é a epopeia, a narrativa que configura as relações sociais arcaicas gregas e que, ao mesmo tempo, essas mesmas relações sociais possibilitam a sua forma epopeica. A ausência de subjetividade e, igualmente, os valores da comunidade como guia determinante da ação heroica são características dessa forma social e da grande épica que as configuram. O romance é a outra forma da grande épica, a forma poética, segundo Lukács, própria da modernidade. Aqui já aparece a subjetividade nas relações sociais, os indivíduos fazem as suas próprias escolhas, conforme a interioridade do herói. O romance é a expressão do distanciamento do sujeito dos valores tradicionais da comunidade, pois a ação do herói do romance e a responsabilidade por ela não mais se alicerça na exterioridade dos valores míticos, naquilo que foi pré-estabelecido pela comunidade, mas sim na interioridade e reflexão do indivíduo. O autor da *Teoria do romance* afirma que

epopéia (sic) e romance, ambas as objetivações da grande épica, *não diferem pelas intenções configuradoras*, mas pelos dados histórico-filosóficos com que se deparam a configuração. O romance é a epopeia de uma era para qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada como evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda tem por intensão a totalidade (LUKÁCS, 2000, p. 55, grifo nosso).

Para Lukács, assim como para Hegel, a epopeia homérica é considerada a forma verdadeira da epopeia, isto é, ela é considerada o paradigma para pensar os fatores definidores do conceito de epopeia. Afirma Lukács na *Teoria do romance* que a ausência

do indivíduo, ou seja, da subjetividade com toda sua interioridade, é traço fundamental da narração homérica.

aí não há ainda interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta e jamais põe a si mesma em jogo; ela ainda não sabe que pode perder-se e nunca imagina que terá de buscar-se. Essa é a era da epopeia. Não é a falta de sofrimento ou a segurança do ser que revestem aqui homens e ações em contornos jovialmente rígidos (o absurdo e a desolação das vicissitudes do mundo não aumentaram desde o início dos tempos, apenas os cantos de consolação ressoam mais claros ou mais abafados), mas sim a adequação das ações às exigências intrínsecas da alma: à grandeza, ao desdobramento, à plenitude (LUKÁCS, 2000, pp. 26-7, grifo nosso).

Pensamos a narrativa poética de Homero sempre levando em conta o solo histórico da comunidade arcaica grega e de sua tradição. Aqui se encontra a originalidade da estética de Hegel herdada pela *Teoria do Romance* de Lukács, a saber, a relação necessária entre conteúdo histórico-social e a forma artística. Na sociedade arcaica grega, o indivíduo aparece imerso imediatamente nos fins da coletividade, isto é, a forma como a nobreza grega vivia, os seus valores morais, estão essencialmente ligados aos anseios da coletividade. Afirma-nos Lukács (2000, p. 26) sobre a sociedade arcaica grega e a sua forma poética correspondente, a epopeia, que nesse momento histórico:

[...] a alma ainda não conhece em si nenhum abismo que possa atrair à queda ou impelir a alturas ínvias a divindade que preside o mundo posta-se junto aos homens, incompreendidas mas conhecida como o pai diante do filho pequeno, então toda ação é somente um traje bem-talhado da alma. Ser e destino, aventura e perfeição, vida e essência são então conceitos idênticos. Pois a pergunta da qual nasce a epopeia como resposta configuradora é: como pode a vida tornar-se essencial? E o caráter inatingível e inacessível de Homero – e a rigor apenas os seus poemas são epopeias – decorre do fato de ele ter encontrado a resposta antes que a marcha do espírito na história permitisse formular a pergunta (LUKÁCS, 2000, p. 26).

As divindades gregas apresentam e representam valores universais da comunidade, tais valores alicerçam as decisões e os direcionamentos das ações heroicas. Na epopeia, os valores comunitários, que guiam as ações dos heróis, são muitas vezes

tornados imagem na própria figura dos deuses que descem para interferir diretamente na ação dos homens.

[...] sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmo épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente isolada em si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade. A onipotência da ética que põe cada alma como única e incomparável, permanece alheia e afastada desse mundo (LUKÁCS, 2000, p. 67)

O objetivo da epopeia, desse modo, é narrar necessariamente os valores da coletividade em unidade direta com a “vontade nacional”, isto é, o que a epopeia configura é a própria vida comunitária, a totalidade da exposição que contempla um “ideal de nação” (Cf. HEGEL, 2004, p. 98). A grande épica homérica configura, assim, um estado universal do mundo no qual os valores da coletividade se sobressaem em face ao querer individual e, em contrapartida, esses valores universais da comunidade aparecem como se fossem o querer do próprio indivíduo, pois, nesse estado, indivíduo e coletividade aparecem como uma unidade indissociável. As ações heroicas, desse modo, parecem ser engendradas a partir do próprio peito do herói, pois interior e exterior não se separam ou, como afirma Lukács, “não há ainda interioridade, pois ainda não há nenhum exterior” (LUKÁCS, 2000, p. 26). A unidade imediata e indissociável entre o coração individual do herói e o valor comunitário, configurada pela grande épica antiga é a situação do mundo que a epopeia configura.

A grande épica antiga configura a totalidade da vida de um povo, isto é, os estados, as características, as relações de vida, a riqueza, a vida política e doméstica e os interesses desse povo. As relações sociais da Grécia arcaica eram bastante simples, se comparadas à experiência ampla e mediada das relações sociais modernas. A simplicidade do mundo grego permitiu à epopeia tornar imagem à totalidade da experiência daquele povo. Desenvolvendo as características da epopeia, Hegel afirma que a épica grega de Homero retrata a vida em nação e tudo que a constitui: a coragem dos heróis e seus hábitos, os acontecimentos no período de guerra, as condutas dos homens na vida cotidiana, a vida prática do povo, a relação com os deuses, a vida familiar, a origem dos heróis, etc.

As relações da vida ética, a coesão da família, bem como do povo como nação inteira na guerra e na paz, devem ter se encontrado, feito e desenvolvido, mas inversamente ainda não devem ter se consolidado, também sem particularidade subjetiva viva dos indivíduos, na forma de regulamentos, deveres e leis universais, validos por si mesmo, os quais também possuem a força de se manter contra o querer individual. O sentido do direito e da equidade, os costumes, o ânimo, o caráter, devem, ao contrário, aparecer como sua única origem, de tal forma que nenhum entendimento seja capaz de opô-los ao coração, ao modo de pensar e à paixão individuais na Forma da efetividade prosaica e torná-los firmes (HEGEL, 2004, p. 98).

Quando se fala em epopeia homérica, afirma-se a carência de subjetividade. Existe o indivíduo, mas ele não se concretiza como indivíduo, a constituição da heróicidade se determina pela internalização ética dos valores comunitários. Na epopeia pode se dizer que os heróis são indivíduos somente para designar que Aquiles é um indivíduo diferente do indivíduo Agamenon, todavia essas individualidades são determinadas pelos valores coletivos que determinam as ações e práticas desses heróis. Nesse sentido, os heróis da epopeia não são indivíduos como na acepção moderna do termo, pois ali o indivíduo aparece imediatamente imerso na comunidade, determinado pelos valores que eram representados por seres míticos e por divindades. Os valores tradicionais se tornam uma segunda natureza, tornando o homem portador de uma substancialidade.

[...] o homem não se acha solitário [tal como na sociedade do romance] como único portador da substancialidade, em meio a configurações reflexivas: suas relações com as demais configurações e as estruturas [sociais] que daí resultam são, por assim dizer, substanciais como ele próprio ou mais verdadeiramente plenas de substância, porque mais universais, mais “filosóficas”, mais próximas e aparentadas à pátria original: amor, família, Estado (LUKÁCS, 2000, p. 29).

A heróicidade do homem da epopeia é como se fosse constituída por uma segunda natureza, a sua própria cultura o faz ter o zelo que o conduz a sua afirmação como herói, não como um indivíduo que busca a realização de suas próprias finalidades, mas como um homem que tem no seu próprio peito os costumes internalizados. Nessa sociedade, o herói ainda não tem os instrumentos necessários para a efetivação da sua individualidade,

pois ele está submerso na tradição e nos costumes provedores da sua própria existência. Dentro deste contexto, o herói tem a função de guerrear não em seu próprio propósito, mas pela vontade e bem da comunidade, pois o seu ânimo mais profundo é constituído por uma segunda natureza que o faz preparado para batalhas em honra e glória da sua comunidade. O herói se consagra não para prioritariamente se vangloriar com as próprias vitórias, mas para realizar a vontade universal da comunidade. O herói não tem como escapar do destino, os caminhos já estão traçados e determinados pela “divindade que preside o mundo e distribui as dádivas desconhecidas e injustas do destino”. (LUKÁCS, 2000, p. 26).

3. A epopeia burguesa

A partir do contexto social e político da modernidade, podemos investigar como o romance é realizado em sua forma mais acabada e desenvolvida nesse momento histórico. As relações sociais modernas e o romance trazem um fator preponderante: a emergência da subjetividade. Esta é um fator fundamental da modernidade e, conseqüentemente, da consolidação da épica moderna, o romance. Neste capítulo nos ocupamos da forma da grande épica da modernidade.

É possível constatar, segundo Benjamin, a existência do romance desde as culturas antigas, todavia, foi necessário o desenvolvimento das condições sociais modernas para que ele florescesse em sua plena forma. O romance remonta à Antiguidade, todavia as condições necessárias para a sua consolidação ele as encontra apenas na época moderna.

O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica (BENJAMIN, 1994, p. 5)

Podemos antever o romance na sua fraca força surgindo na Grécia em consonância com a dissolução das democracias das cidades gregas e, conseqüentemente, com o aparecimento da incipiente subjetividade, da particularidade, da individualidade configurada por essa nova e, ainda, incipiente épica, o romance. O primeiro momento do surgimento da subjetividade aparece como fator dissoluto da democracia ateniense, democracia alicerçada na unidade imediata da vontade individual com a objetividade do Estado. “O desenvolvimento subsistente por si da particularidade”, afirma Hegel, “mostra-se nos Estados antigos, como o memento que irrompe a corrupção dos costumes e como fundamento último da decadência destes”. (HEGEL, 2000b, § 185). No auge da democracia ateniense, o indivíduo perseguia os fins objetivos do Estado. A separação entre indivíduo e Estado é precisamente o índice da decadência dessa democracia, desse modo, a subjetividade “reivindica ser livre não apenas no Estado [...], mas em si mesmo enquanto sujeito e surge naquela liberdade um novo conflito entre a finalidade para o Estado e para si mesma enquanto indivíduo livre” (HEGEL, 2000a, p. 242). Essa mesma subjetividade que aparece de forma embrionária como consequência da dissolução da

democracia, emerge de forma desenvolvida e se consolida na época moderna, consolidação da subjetividade que permite também a realização plena do romance, na medida em que este se constitui justamente pela configuração central da vida individual, particular e subjetiva.

O romance é a “moderna epopeia burguesa” (HEGEL, 2004, p. 137), como afirma Hegel, que se diferencia da epopeia pela nova situação histórica que o romance tem que se deparar para a configuração. A característica principal da grande épica, segundo Lukács, é a necessidade de configurar o solo histórico objetivo com o qual as duas grandes épicas se deparam, isto é, nas palavras de Lukács, “a grande épica dá forma à totalidade extensiva da vida” (LUKÁCS, 2000, p. 44), pois a epopeia tem que necessariamente apresentar em sua forma as características principais da forma social arcaica grega e, do mesmo modo, o romance deve configurar o conteúdo social próprio da sociedade que lhe fornece sustentação, a sociedade moderna.

O mundo moderno é demasiado grande quando comparado ao mundo configurado pela epopeia: o mundo do trabalho, as relações prosaicas impessoais, a objetividade das instituições, as diversas relações dos homens com os outros homens, etc, tais relações sociais não são apropriadas, ou melhor, possuem muitas mediações para que possa ser configurado poeticamente em sua totalidade. O romance, todavia, como forma da grande épica – e aqui surge outra característica fundamental das formas da grande épica – ainda assim tem que configurar uma totalidade. Ora, que mundo é esse configurado em sua totalidade pelo romance? Não é mais aquele mundo da experiência de um povo, como afirmado, mas o mundo estiolado do indivíduo particular, com o seu círculo de amizade, seus interesses e finalidades, seu mundo familiar. Lukács apresenta a constituição interna do romance como uma biografia. Essa característica biográfica determinante do romance tem a ver com a primazia da configuração da vida de um indivíduo e de seu mundo particular.

a forma biográfica realiza, no romance, a superação da má infinitude; de um lado, a extensão do mundo é limitada pela extensão das experiências possíveis do herói, e o conjunto dessas últimas é organizado pela direção que toma o seu desenvolvimento rumo ao encontro do sentido da vida no autoconhecimento ; de outro lado, a massa descontínua e heterogênea de homens isolados, estruturas alheias ao sentido e acontecimentos vazios de sentido recebe uma articulação unitária pela referência de cada elemento específico ao personagem central e ao problema vital simbolizado por sua biografia. (LUKÁCS, 2000, p. 83)

O romance inaugura a grande épica do herói particularizado, egoísta, que pensa na realização de seus próprios fins, o herói que está apartado dos fins coletivos, isto é, o romance traz como princípio norteador a emergência da subjetividade. O romance se efetiva justamente em decorrência dessa subjetividade e particularidade que a modernidade realiza, pois, afinal, “os indivíduos são pessoas privadas, que tem por fim o seu interesse próprio” (HEGEL; 2000b, § 187). A épica moderna tem como princípio configurador a ação alicerçada, não mais em valores comunitários, como na epopeia homérica, mas no próprio indivíduo. O autor d’*O Narrador* afirma que

a origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselho nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida, levar o incomensurável aos seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive (BENJAMIN, 1994, pp. 03-04).

O romance é a narrativa de uma vida particular, do indivíduo solitário, ou para falar em termos lukacsianos, os quais Benjamin resgata no *Narrador* (1994), é a narrativa do “desterro transcendental” do sujeito que não tem mais a segurança dos deuses que presidiam as ações dos heróis homéricos. O romance é, na sua essência, o retrato fidedigno do indivíduo moderno, o homem que agora pensa em realizar os seus próprios objetivos. O herói da grande épica moderna age a partir da sua própria decisão individual e, desse modo, ele é responsável pelo resultado e pelas consequências de sua ação. Ele é o indivíduo egoísta da sociedade civil burguesa, pois sua ação é alicerçada apenas na realização individual de seus fins.

A individualidade, própria do romance moderno, surge na sua forma poética por vez primeira em *Dom Quixote*. A subjetividade aqui aparece ainda na sua fraca força, pois surge no limiar da modernidade, num período de transição entre a forma social medieval e a forma social burguesa, todavia, já apresentando fortemente características da sociedade moderna. A subjetividade que aparece modernamente na sua fraca força em Cervantes é o primeiro momento da subjetividade burguesa, que se concretizará com a consolidação da sociedade civil burguesa.

Em *Quixote* se apresenta uma oposição, ou melhor dizendo, um reverso da épica homérica, pois a narrativa de Cervantes inaugura a subjetividade com altivez, subjetividade que cria a sua própria perspectiva e constrói o seu próprio destino, voltando suas energias e forças para seu próprio fim individual, atuando por conta própria, independente de valores universais comunitários que guiem a sua aventura. Em *Dom Quixote De La Mancha* podemos perceber uma voz ativa e suas iniciativas partem da sua própria reflexão, seus fins extrapolam os anseios da comunidade, suas ações são ricas de espontaneidade e desprendimento da vontade do coletivo, ele revela um despojamento particularizado que busca reparar as injustiças do mundo a partir do seu juízo interior. O coletivo, inclusive, faz troça e chiste com a decisão ridícula de Dom Quixote de restaurar o heroísmo cavaleiresco no limiar do mundo prosaico moderno, pois aquela figura esquelética e risível sai para reparar as injustiças do mundo por suas próprias contas e juízo. O mundo moderno não é mais o lugar da ação heroica alicerçada no seu próprio peito, como na época da cavalaria, na qual o direito, estabelecido pelas instituições estatais, estava suspenso, mas, ao contrário, o prosaísmo do mundo moderno se caracteriza justamente pela intervenção objetiva das instituições estatais. A apresentação irônica e chistosa das ações de Quixote por Cervantes é pontualmente visível porque o herói pretende restaurar a ação da aventura da cavalaria no prosaísmo do mundo moderno.

A obra de Cervantes é a precursora e o primeiro puro romance, uma tradução contundente da modernidade, nasce ali a ilusão como ingrediente heroico imprevisível, assume a realidade do genuinamente humano, buscando os seus fins particulares e não coletivos, atravessa as incertezas, as crises existenciais, vitórias e derrotas. Saliento o purismo romanesco de Cervantes porque já podemos vislumbrar em Dante algumas características do romance, todavia na *Divina Comédia* aparecem mescladas com um caráter profundamente epopeico. Em Dante aparece, desse modo, a configuração objetiva de valores universais da Idade Média católica com os círculos imutáveis do inferno, purgatório e paraíso, nos quais o poeta condena e beatifica todo o presente e passado. E nesse sentido *A divina Comédia* pode ser considerada uma epopeia. Mas, igualmente, por mais que o poeta se arrogue detentor do juízo divino, as páginas de Dante configuram a subjetividade do poeta como definidora da distribuição das ações humanas nos diferentes círculos. Esse aspecto subjetivo exposto na decisão subjetiva do poeta mostra justamente a sua vertente romanesca.

O romance desbanca a narrativa epopeica e suas reminiscências, isto é, desbanca o eco e a ressonância do mundo poético da tradição e da ausência de subjetividade. Diz-

nos Benjamin, ao falar da superação da narrativa tradicional pelo romance – a epopeia é uma espécie de narrativa tradicional –, que a “narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; ele se apropriou de múltiplas formas, do novo conteúdo [moderno]” (BENJAMIN, 1994, p. 5). Neste novo conteúdo moderno, do qual emerge a subjetividade, o romance constrói a narrativa do indivíduo isolado e ironicamente injustiçado pelos valores éticos da sociedade, uma sociedade que é constituída por instâncias normativas universais que regem as ações individuais e estabelecem limites à ação do homem moderno – que é justamente o herói do romance. A ação heroica, desse modo, procura se afastar das normas petrificadas das estruturas sociais. Pode-se afirmar, com Lukács, que o romance é a luta do indivíduo contra a sociedade, isto é, a busca da realização dos fins individuais contra a sociedade que impede, de algum modo, esta realização. A racionalidade da modernidade, segundo Hegel, traz ingredientes próprios, na qual já não cabe mais a ação heroica alicerçada a partir do querer e da vontade individuais, pois todas as ações dos indivíduos na época moderna devem ser fundamentadas a partir das instituições legais do Estado. Se pensarmos no primeiro romance propriamente dito, *Dom Quixote*, nele já aparece, em germe, a configuração do mundo moderno, isto é, o sistema estatal constituído com as suas leis universalmente válidas, leis que não permitem mais a reposição da ação heroica da cavalaria realizada por Quixote. Neste embate entre a ação heroica “fora de lugar” de Quixote e o mundo moderno já constituído com as suas leis universalmente válidas, as finalidades individuais do herói não são concretizadas, sucumbem, porque a sentença do que é justo não cabe ao indivíduo e sim à efetividade ética representada pelas instituições estatais. Vejamos o que Hegel fala sobre o primeiro romance moderno, ou o que ele chama de *romanesco*. Diz-nos, então, o filósofo alemão que

[...] o *romanesco* no sentido moderno da palavra, o qual é antecedido, segundo a época, pelos romances pastorais. – Este *romanesco* é a cavalaria novamente tornada séria, tornada um Conteúdo efetivo. A contingência da existência exterior transformou-se uma ordem firme, segura, da sociedade civil e do Estado, de modo que agora a polícia, os tribunais, o exército, o governo estatal, surgem no lugar dos fins quiméricos que o cavaleiro fez para si mesmo (HEGEL, 2000a, p. 328)

Hegel continua caracterizando o romance, desta vez o romance de sua época, para mostrar a oposição entre o querer individual do herói e a efetividade ética da sociedade que se institui a partir da objetividade das instituições estatais.

[...] nos romances recentes também se modifica o cavalheirismo (sic) dos heróis agentes. Eles se encontram indivíduos com seus fins subjetivos do amor, da honra, da distinção ou com seus ideias de melhoria do mundo, em oposição à esta ordem subsistente e à prosa da efetividade, as quais lhes colocam, de todos os lados, dificuldades no caminho. Nisso, as exigências e os desejos subjetivos, nesta oposição, se elevam para uma altura incomensurável; pois cada um encontra diante de si um mundo encantado, para ele completamente inapropriado, o qual ele deve combater, pois este fecha-se para ele em sua firmeza áspera não cede às suas paixões, mas impõem a vontade de um pai, de uma tia, de relações civis etc., enquanto um impedimento. Particularmente os jovens são estes novos cavaleiros, os quais devem abrir caminho pelo curso do mundo, que se realiza em vez de seus ideias, e os quais tomam como um infortúnio o fato de em geral existir a família, a sociedade civil, o Estado, as leis, as ocupações profissionais etc., pois estas relações de vida substanciais, com seus limites, se opõem de modo cruel aos ideias e ao direito infinito do coração. Trata-se, pois, de fazer um furo nesta ordem das coisas, modificar o mundo, melhorá-lo ou, a despeito dele, pelo menos recortar sobre a terra um céu: procurar a moça, tal como ela deve ser, [220] encontrá-la e, então, ganha-la, conquistá-la e arrancá-la dos parentes perversos ou de outras relações nefasta. Mas estas lutas no mundo moderno nada mais são do que os anos de aprendizado, a educação do indivíduo na efetividade presente os quais alcançam, desse modo, seu verdadeiro sentido. Pois o fim de tais anos de aprendizado consiste no fato de que o sujeito aprende com a experiência, que ele se forma [*hineinbildet*] com seus desejos e opiniões nas relações subsistentes e na racionalidade destas, se insere no encadeamento do mundo e adquire nele um ponto de vista adequado (HEGEL, 2000a, pp. 328-329)

Outra característica própria da emergência da subjetividade é a reflexão do indivíduo moderno. Como o herói não age mais sustentado pelos valores comunitários, mas a partir dos desejos, vontades e anseios subjetivos, ele decide o como, o porquê de sua ação e assume com isso a responsabilidade das suas consequências. O herói do romance, desse modo, reflete, pois já não age afiançado pelos deuses que passeiam entre os homens, como na epopeia clássica. Já no primeiro romance, *Dom Quixote* (1980), vemos um arroubo de reflexão na preparação para a ação heroica. Cervantes (1980, p. 39) expõe, desse modo, a reflexão quixotesca:

[...] conluídos, pois, todos estes arranjos, não quis retardar mais o pôr em efeito o seu *pensamento*, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança, segundo eram os agravos que pensava desfazer, sem-razões que endireitar, injustiças que reprimir, abusos que melhorar, e dívidas que satisfazer. E assim sem ninguém dar parte de sua intenção, e sem que ninguém o visse, uma manhã antes do dia, que era um dos encalmados de julho, apercebeu-se de todas as suas armas, montou-se no Rocinante, posta a sua celada feita à pressa, abraçou a sua adarga, empunhou a lança, e pela porta furtada de um pátio se lançou ao campo, com grandíssimo contentamento e alvoroço, de ver com que felicidade dava princípio do seu desejo (CERVANTES, 1980, p. 39).

A reflexão está ligada à cultura romanesca, isto é, a realidade do contexto moderno, no qual o homem reflete sobre a sua própria ação. Esse indivíduo do romance afirma suas escolhas e arca com as suas consequências. A interioridade, outro nome para a subjetividade e a forma reflexiva do homem moderno, é o guia das ações do herói. Os seus ideais e valores se modificaram, a sociedade está numa potente transformação e tudo isto é evidente no romance. *Dom Quixote* é o primeiro romance propriamente dito e nesse caso os aspectos da subjetividade moderna, tal como a reflexão sobre a ação, ainda aparecem na sua primeira manifestação moderna.

Quanto mais as relações burguesas se consolidam, mais a subjetividade se transforma e adquire força. Lukács ao descrever os três tipos romanescos: do idealismo abstrato, cujo paradigma para pensar as suas principais características e definições é *Dom Quixote*; o romantismo da desilusão, baseado na *Educação Sentimental* (2006) de Flaubert e, por último, *Os anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* de Goethe, ele o faz com a finalidade de demonstrar o aprofundamento da subjetividade no decorrer da consolidação das relações burguesas. Desde Cervantes, o mundo se tornou ainda mais prosaico, isto é, as estruturas sociais se estabeleceram definitivamente e, desse modo, cada vez mais a ação heroica, o agir no mundo a partir do indivíduo, fica fora de lugar. A ação de Frédéric Moreau, em *Educação Sentimental* (2006), no mundo prosaico moderno do século XIX, encontra uma dificuldade muito maior do que em *Quixote*, dificuldade denunciada pela constante reflexão do personagem sobre a sua empreitada. O romance configura internamente, como afirmado anteriormente, a luta do indivíduo contra a sociedade, ou seja, o indivíduo tentando alcançar o seu fim individual e particular

no mundo que não permite ou dificulta a sua realização. E Morreau já o sabe disso antes da ação, ele já vislumbrava o fracasso do fim individual diante das estruturas sociais petrificadas, que não lhe permitiam a realização das empreitadas: ser um artista de sucesso na Paris do séc. XIX. Por isso, a sua ação é protelada o quanto pode e, desse modo, ele reflete diante da impossibilidade da vitória, diante da objetividade petrificada das relações sociais burguesas e reconhece, ao final, a vitória do mundo diante dos anseios subjetivos, individuais e particulares. “O romance”, afirma Lukács, “é a forma da virilidade madura: [...] a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação” (LUKÁCS, 2000, p. 71). Dom Quixote age sem levar muito em consideração a objetividade da prosa do mundo; Morreau, em comparação a ele, quase não age, pois já o sabe da sua derrota diante do mundo e desilude-se porque a pequenez do mundo não permite que uma grande alma realize a sua finalidade. A respeito de *Educação Sentimental* (2006), afirma Lukács (2000, p. 118) tratar-se

[...] de uma realidade puramente interior, repleta de conteúdo e mais ou menos perfeita em si mesma, que entra em disputa com a realidade exterior, tem uma vida própria rica e dinâmica – que se considera, em espontânea autoconfiança, a única realidade verdadeira, a essência do mundo –, e cuja inútil tentativa de realizar essa equiparação confere à composição literária o seu objeto (LUKÁCS, 2000, p. 118).

Lukács parte da acepção hegeliana da unidade entre forma poética e conteúdo histórico. Isto significa que as formas poéticas se modificam ou cedem lugar a outras formas de acordo com a mudança das relações sociais. A epopeia cedeu lugar para o romance. A forma social burguesa não é mais propícia à configuração epopeica e, segundo a concepção de Hegel, toda ou qualquer tentativa de configurar uma epopeia na sociedade moderna é artificial, sem vivacidade, justamente porque o conteúdo histórico da modernidade não é próprio para a configuração da epopeia. Destarte, o romance ocupa o seu lugar e se torna a moderna epopeia burguesa, na medida em que configura a subjetividade própria dessa sociedade.

Mesmo nos gêneros poéticos que continuam com grande força na modernidade como a tragédia, isto é, que não cedeu lugar para outra forma poética, tal como aconteceu com a epopeia, o conteúdo histórico aparece como fator determinante da forma poética. As tragédias gregas, principalmente em Sófocles e em Ésquilo, configuram a colisão entre

dois indivíduos imbuídos dos valores da comunidade. A ação desses indivíduos estão alicerçadas nesses valores e, desse modo, eles não refletem sobre a sua ação, posto que eles estão fadados à ação. Eles simplesmente agem, não o podem não fazer, pois são impelidos e estão afiançados pelos valores divinos que regem a sociedade grega.

A trágica história de Hamlet príncipe de Dinamarca (2000), de Shakespeare, ao contrário, é uma tragédia que já traz uma incipiente subjetividade, própria do conteúdo histórico moderno, no qual o próprio indivíduo reflexivamente planeja as suas atitudes e, desse modo, pesa os prós e os contras de suas ações e os desdobramentos das consequências.

Hamlet – Ser ou não ser.... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer...dormir...Dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhar poderá trazer o sono da morte, quanto afim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa ideia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suporta o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se temer algo após a morte – terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou – que nos inibe a vontade fazendo que aceitemos os males conhecidos sem buscar refúgios noutros males ignorados? De todos faz covarde a consciência. Desta arte natural frescor de nossa resolução definha sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessa reflexão e até o nome de ação perdem (SHAKESPEARE, 2000, pp. 81-2).

A interioridade aparece na tragédia shakespeariana e Hamlet não age alicerçado pelos valores universais da comunidade, talvez por isso a sua demasiada reflexão, pois sua ação depende apenas de si. Hegel vai reservar à modernidade a lírica como o verdadeiro gênero poético, pois com a consolidação da subjetividade o homem pode se afastar para as regiões da interioridade. Somente quando o Estado se apresenta constituído e toda a estrutura social fortalecida, os homens podem voltar-se para o seu interior e configurar o seu próprio ânimo e sentimento. A ausência da subjetividade da época da epopeia denuncia também a ausência da lírica, pois os homens se voltavam fundamentalmente para os interesses da coletividade. Na *pólis* ateniense, auge da tragédia grega, a lírica aparece como um gênero subordinado, na medida em que as relações

sociais eram determinadas pelo interesse do indivíduo nas questões do Estado. Somente a modernidade realiza em sua verdade o princípio lírico, pois realiza o princípio da interioridade, da subjetividade. Esse princípio lírico da interioridade perpassa, desse modo, todos os outros gêneros poéticos: o drama e a grande épica romanesca. É por isso que vemos no drama de Shakespeare o personagem se caracterizar pela interioridade, ou melhor dizendo, pela subjetividade lírica. Lirismo que também perpassa e determina a configuração do romance, na medida em que ele descreve o interior, o ânimo, o particular dos personagens.

O herói moderno está na era do romance e o papel desempenhado pelo seu caráter é singular, na medida em que o destino depende do seu próprio agir e as consequências das suas decisões subjetivas. Ele busca os seus propósitos individuais. O herói não é mais enviado a uma missão para defender um povo em guerra, entretanto ele busca a sua própria satisfação como indivíduo. Ele sai do contexto social das tradições e valores da comunidade e emerge com sua própria causa, ele não representa mais uma entidade comunitária, mas ele destoa dos objetivos do coletivo e adentra no cerne da abstração, sendo assim capaz de refletir a partir de si e do meio social em que ele se encontra. O ser romanesco subsiste com outra configuração e perspectiva na integralidade do que é vivido.

O verdadeiro conteúdo do romântico é a interioridade absoluta, a forma correspondente é a subjetividade espiritual, enquanto apreensão de sua autonomia e liberdade. Este infinito em si mesmo e universal em si para si é a negatividade absoluta de tudo o que é singular, a unidade simples consigo | 130 | mesma que consumiu tudo o que reciprocamente separado, todos os processos da natureza e seu ciclo de nascimento, desaparecimento e renascimento, toda limitação da existência espiritual e que dissolveu todos os deuses particulares na pura identidade infinita consigo mesma. Neste panteão os deuses estão destronados, a chama da subjetividade destruiu em vez da plástica multiplicidade de deuses [*Viegötterei*], a arte conhece agora *um* Deus, *um* espírito, *uma* autonomia absoluta, que permanece enquanto o saber e o querer absoluto dela mesma consigo mesma em unidade livre, e não mais se desfaz naqueles caracteres e funções particulares, cuja única coesão era a coerção necessária obscura. A subjetividade absoluta enquanto tal, todavia, escaparia à arte e seria apenas acessível ao pensamento se ela, para se subjetividade *efetiva*, adequada ao seu conceito, também não penetrasse na existência e se recolhesse em si mesma desde esta realidade (HEGEL; 2000a, pp. 253-54).

Diante de tudo isso ele vai atrás da sua própria consciência como indivíduo que não quer mais se prender à identidade da tradição, mas ele vai agora, a partir de si mesmo, da sua própria vontade, arquitetar o seu caminho, pois ele só pode ser efetivado pelo sujeito; entretanto, a realização de sua finalidade esbarra na realidade social. Nela estanca, fazendo assim que a sua limitação fique à mostra, uma insuficiência e a incapacidade de superar sua frágil existência alicerçada no querer individual.

O romance com frequência narra a história de um indivíduo que busca um sentido que não há, é a odisseia de uma desilusão. Hegel, entretanto, acreditava e esperava que o romance fosse a nova epopeia burguesa, mostrando como sujeito, superada a exigência juvenil da poesia do coração, inseria-se judiciosamente “na concatenação do mundo,” subordinando-se à realidade prosaica das relações sociais, que no princípio haviam-no aterrorizado. O conflito entre o indivíduo e o fluxo do mundo deveria conduzir, portanto, passando pelas forças caudinas do desencanto e da depressão subjetiva, a um epílogo positivo, ao reconhecimento de uma totalidade social na qual se integrar e à aceitação consciente do duro preço – a exautoração do indivíduo – que o progresso histórico exige (MAGRIS, 2009, pp. 1018-19).

A realidade moderna se torna mais ampla, mais rica, riqueza que abrange infinitamente todas as barreiras subjetivas que se opõem a ela. Os acontecimentos e sentimentos narrados no romance, ao mesmo tempo, transcendem o herói individual, na medida em que eles possuem um caráter universal. O sentimento particular de um Frédéric Moreau, da *Educação Sentimental* (2006) de Flaubert, pode ser compartilhado por um indivíduo não europeu. Sendo assim, todos os leitores e escritores na sociedade moderna vivem e são suscetíveis a sentimentos, emoções, paixões e alegrias comuns a todos, ao ler a paixão de um casal e sendo assim tocados pelos mesmos acontecimentos e sentimentos do romance. O romance, desse modo, não obstante, narrar a vida de indivíduos no seu mundo fragmentado, tem um caráter universal nas suas pretensões, ele é capaz de atingir um grande número de pessoas, há algo mágico, que vai além da materialidade, e metafísico em sua maneira de ser. A realidade que é narrada no romance é do ápice da subjetividade do ser humano, realidade polifônica que se manifesta na mistura de gêneros contida no romance. Afirmar Lukács que “aqui os gêneros se cruzam num emaranhado inextricável, como indício da busca autêntica ou inautêntica pelo objetivo que não é mais dado de modo claro e evidente” (LUKÁCS, 2000, p. 38).

A literatura faz conexão com vários espaços de conhecimento, procura descrever, na diversidade de visões do mundo, uma totalidade. No romance, podemos contar a história se apropriando da psicologia dos indivíduos que estão inseridos no corpo do enredo. O romance vem conduzindo em seu interior as relações sociais entre gênero, etnia, classe e assim por diante. No romance há um retrato fidedigno do ser humano na sua complexidade e singularidade individual e coletiva. Essa coletividade não é mais a coletividade da totalidade da experiência de um povo, como na epopeia, mas uma coletividade particularizada e reduzida ao mundo particular do herói do romance. A linguagem é um dos primeiros componentes a ser tratado e atingido na sua raiz pela literatura, seja formal ou informal, a linguagem abrange no romance uma vasta dimensão da realidade que nas ciências, por exemplo, aparece de maneira limitada. O romance como literatura é diferente dos outros conhecimentos. As ciências, em suas especializações, fragmentam-se em vários campos de estudo, estabelecendo um círculo fechado e isolado de concepções que turva a visão do todo. Llosa (2009, p. 20) constata que

vivemos numa época de especialização do conhecimento, causada pelo prodigioso desenvolvimento da ciência e da técnica, e da sua fragmentação em inumeráveis afluentes e compartimentos estanques, tendência que não poderá senão se acentuar nos anos por vir. A especialização traz consigo, sem dúvida, muitos benefícios, porque permite aprofundar a exploração e a experimentação, e é o motor do progresso; mas determina também, como consequência negativa, a eliminação daqueles denominadores comuns da cultura, graças aos quais os homens e as mulheres podem coexistir, comunicar-se e sentir-se de algum modo solidários (LLOSA, 2009, p. 20).

No romance, é constatado que o “destino” do ser humano é traçado não por uma divindade ou por valores comunitários, mas, ao contrário da harmonia social da epopeia, o romance se sustenta a partir de uma realidade contraditória, desarmônica, não prevalecendo aqui uma equivalência comunitária que promova uma coesão geral. Uma mistura do sublime com o baixo, do sagrado e do profano, do bem e do mal fazem parte da constituição interna do conteúdo do romance. Acontece uma reviravolta, uma crítica à sociedade que está posta na modernidade, abre-se um caminho para a narrativa da dissonância do eu com o mundo.

O romance é um paradoxo, uma lança de Aquiles que fere e cura; é tecido com as lacerações do moderno e simultaneamente abarca-o em uma nova totalidade. De Hugo a Dickens, a Tolstói ou a Dostoiévski o romance, nascido como fragmento da desagregação da épica, parece produzir aquela unidade e totalidade de vida que o moderno, de quem ele provém como Eva da costela de Adão, tende a despedaçar; celebra ideais e narra paixões, debate grandes questões sociais, mas também fornece informações e notícias, é um mapa de fantasia e até de conhecimento. Ou ele exaspera a negatividade (categoria substancialmente criada pelo moderno), a dissociação entre o indivíduo e a vida, a sua incompatibilidade (MAGRIS, 2009, p. 1025).

Magris, na esteira de Lukács, vai constatar a impossibilidade da sobrevivência do romance sem as características trazidas pela modernidade; ambos estão entrelaçados como se fosse uma simbiose perfeita. O romance não teria sentido sem a modernidade e a modernidade ficaria um pouco mais pobre se não existisse o romance para configurar poeticamente as suas contradições; não é possível, desse modo, um afastamento da poesia romântica e do solo moderno, pois são feições que se complementam. O romance é urbano por excelência e se aprofunda nos pontos negativos e positivos dessa urbanidade; há uma enxurrada de mudança que faz pensar a alvorada de ciclos, os resquícios do passado pré-romanesco aos poucos vão sendo esquecidos pelo romance propriamente moderno, pois configura novos tempos de descobertas e novos rumos a tomar.

O romance, desde seu início, é o único estilo literário de evolução humanística em todos os seus aspectos: valores, diferenças entre pensamentos e ideias, entrada e saídas, términos e recomeços de épocas da evolução humanística como entendedores da responsabilidade do seu próprio destino. Únicos dos seres vivos que podem escolher o que é benéfico e maléfico para si próprio, fazendo um juízo de valor, um senso de autonomia e liberdade.

O romance entra em cena e vai iluminando e clareando a vida com o processo de autoconhecimento do ser humano como detentor único e responsável por suas conquistas e fracassos. Por conta dessa consciência, a sua crítica começa através das contestações da sua própria subjetividade, que antes não existia efetivamente; tais atitudes críticas foram fundamentais para o surgimento da vida moderna e assim os próprios indivíduos se afirmam como membros indissolúveis para a criatividade e a recriação de suas próprias vidas.

O romance dispõe de uma autonomia do ser pensante, o sujeito conduz conscientemente a sua vida, produzindo a sua existência e confirmando a sua alteridade, remontando o que se é na realidade. Opõem-se à prosa, constrói um caminho inexistente ainda não percorrido concretamente; toda a modernidade e as suas mudanças vão ocorrendo e gradativamente o próprio homem se torna possuidor e o único provedor da mudança em sua vida. O romance é a história epopeica do indivíduo que faz intersecções em busca do sentido que não existe, é uma odisseia repaginada que se identifica com a burguesia. Há um desencanto e uma depressão na subjetividade, impactada na sua essência, uma tonalidade múltipla generalista que desperta a consciência do valor a ser pago pelo progresso da humanidade. A partir de Lukács, Magris (2009, p. 1020) afirma que o romance é a narrativa da época da pecaminosidade, época em que o homem se encontra apartado da segurança divina e

o sentimento de culpa, a “pecaminosidade”, não diz respeito, moralmente, ao indivíduo isolado, ao ser agir privado, pelo qual é subjetivamente responsável, mas à condição histórica geral, à impossibilidade objetiva de instaurar valores e de encontrar um sentido da vida, o caos e a angústia do mundo. O indivíduo experimenta o sentimento de viver em um mundo caído e o próprio sentimento é percebido como culpado: como ocorrerá com as personagens de Kafka, que se sentirão culpadas exatamente por que incapazes de remir sua condição de fraqueza e de vaidade, porque incapazes de resistir ao mecanismo do mundo que as ameaça, inadequadas à força – criadora e ao mesmo tempo destrutiva – da existência (MAGRIS, 2009, p.1020).

O ser humano se angustia com suas melancolias, medos, receios, sentimentos, posicionamentos políticos e sociais, angústia pela concreta situação de “desterro transcendental” (Lukács, 2000, p. 61) na qual se encontra o homem do romance.

A multiplicidade dos temas com que o romance se depara conta com uma notável liberdade de movimentos nas suas ideias e expressões, demonstra um mundo que não está mais estático, congelado, como se o herói fosse um depósito das incertezas e da experimentação como um criador de novas realidades. O mundo moderno exibe-se bem mais diversificado, com muitas nuances, os mares estão agora sendo explorados, período das luzes e novas descobertas. O romance se encaixa no ritmo moderno de ser, o estilo pré-moldado pelas condições de nascimento e pelas circunstâncias vitais.

O romance parece se contradizer no misto de elevação do tempo moderno e a crítica à própria modernidade, e é isso que impulsiona a auto crítica e que faz o homem

se desvencilhar de algo permanente e estático que o impele a se lançar em outros desafios que virão. A contradição não aparece apenas na narração da forma do romance, mas ela é própria da realidade moderna e o romance apenas a configura e a põe a nu.

4. Considerações Finais

A busca das forças secretas da vida não religiosa, mas seculares, e os aspectos mágicos ou mesmo científicos que permeiam o mundo da épica moderna somente na modernidade são possíveis de serem analisados e expostos nos romances. O romance é tratado, por muitos, como mais uma obra fictícia e serve mais para o divertimento e entretenimento aos ociosos nas horas de lazer; porém, há outra visão sobre o romance, um alerta à sua inalienável importância, qual seja: não consumi-lo como o mercado pretende nos impor. É no romance que podemos também conceber que vivemos e assim nos identificar como indivíduos pensantes, sujeitos que emergem em meio à modernidade, esta mesma modernidade que fornece o subsídio único para o desenvolvimento do romance.

O romance levado à ótica de uma época da pecaminosidade, da luxúria e de outros pecados abertos e mostrados ao devir de cada um, numa transparência que outrora não existia; tudo é aflorado, nada é mais intacto ao meio em que se vive, a sacralidade intocável se dissolve e o véu, que antes cobria, é rasgado, os sentimentos são expostos com a sobriedade que elucida o que o ser humano é sem meias palavras.

Atualmente, a maior parte dos romances parece com dispositivos retrógrados e atrasados. O que talvez nem seja culpa deles, mas apenas subproduto de uma contingência maior, a de que o mundo moderno, a Modernidade, com maiúscula, está acabando ou está se transformando em uma proto-ficção.

A ameaça da derrocada definitiva do romance é ainda vaga e longitudinal, pois ele ainda é um grande emancipador cognitivo do aprender através da sensibilidade, seja por ser uma utopia, ou seja por trazer à tona a certeza de todos os acontecimentos como um fato real. O romance não desaparecerá enquanto houver modernidade, pois ainda tem algo a dizer sobre o tempo que vivemos.

O mundo moderno está sucumbindo? Esta época moderna acompanha a evolução que está acontecendo, o progresso social traz um quadro não perceptível a alguns, mas para outros essas transformações aparecem em cores vivas, traz uma sensação de alerta e um perigo para o futuro e coloca a pergunta sobre a sobrevivência do romance.

Pode-se assim correr o risco de ser substituído pelas tecnologias criadas pelos homens. Percebo que no mundo das trocas comerciais, uma contaminação universal no meio burguês, o romance traz uma intensa e excitante leitura da sociedade burguesa, um

contente descontente na sua escrita que transpõe a si mesmo em sua subjetividade; o que nunca se alcançou antes pode ter a esperança de se alcançar, pois o romance tem a possibilidade de ir mais além, de obter êxito na reconstrução da totalidade de um mundo essencialmente fragmentado. A difusão da vida e a fragmentação do homem moderno, ao mesmo tempo, aparecem em sua plenitude integralmente no romance.

Compreendo que o dinheiro é a fórmula capitalista que ainda está em alta e que prevalece nas relações sociais, uma sociedade que é predominantemente mercantil. Isso nos faz pensar como a sociedade se comporta diante das suas transformações, em que cada dia mais as desigualdades sociais aumentam; o romance tem que se deter ainda nas características do tempo presente, não podendo se afastar totalmente destas questões, sob pena de cair na pura ficção. Todavia, ao mesmo tempo, o poeta tem que se afastar do mundo (cada vez mais) prosaico na tentativa de configurar poeticamente uma totalidade formada, artística; parece se consumir a separação definitiva entre a arte e a vida, entre a poesia e a realidade de incerteza, de indeterminação, de uma confusa escala de prioridade que marca a civilização moderna. O indivíduo real e o herói do romance se sentem deslocados e, desse modo, se distanciam da realidade do mundo.

O romance tem uma dinâmica própria: ele é urbano, industrial, relata um mundo em que as pessoas tem hábitos diferentes, os quais são regidos pela mediação universal do dinheiro e pelos meios de comunicação que moldam a uniformização do pensar. Isto faz-nos seres humanos sem experiência, não temos mais tempo para aprofundar-nos nos questionamentos da vida, por isso que o romance sofre uma crise, todavia ele parece superar, fazendo desses assuntos novos, temas para novos romances. Por causa disso o romance será constantemente atualizado, porque enquanto houver resquício de modernidade haverá romance.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FLAUBERT, Gustav. **A Educação sentimental**. João Barreira – São Paulo: Martin Claret, 2006.

HEGEL, Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**. Vol. I. Tr. Marco Aurélio Werle/ Oliver Tolle – consultoria Victor Knoll, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. **Cursos de estética**. Vol. II. Tr. Marco Aurélio Werle/ Oliver Tolle – consultoria Victor Knoll, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000a.

_____. **Cursos de estética**. Vol. IV. Tr. Marco Aurélio Werle/ Oliver Tolle – consultoria Victor Knoll, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Linhas fundamentais da filosofia do direito ou direito natural e ciência do Estado em compêndio**. Terceira parte: eticidade. Segunda seção: *a sociedade civil*. Tr. Marcos Lutz Müller, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2000b.

HOMERO. **Ilíada**. Disponível em: <<http://www.livros-digitais.com/homero>>. Acesso em 27 mai.2015

MAGRIS, Claudio. **O romance é concebível sem o mundo moderno?**. In: A cultura do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LLOSA, Mario Vargas. **É possível pensar o mundo moderno sem o romance?**. In A cultura do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2000.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, Círculo do Livro, 1980.

SILVA FILHO, Antonio Vieira da. **Poesia e prosa: arte e filosofia na estética de Hegel**. Campinas, Pontes Editores, 2008.

SILVA FILHO, Antônio Vieira da. **Hegel e o jovem Lukács: da consonância estética à dissonância política**. Revista *Kriterion* [online]. 2014.

SHAKESPEARE, William. **A trágica história de Hamlet príncipe de Dinamarca**. Tr. Nelson Jahr Garcia. Editora Ridendo Castigat Mores, 2000.